

Reconstruindo “O Nariz”, uma abordagem atual de Nikolai Gogol

Autores: Cheila Oliveira e Sotiris Karamesinis

Revisor: Heitor Daros

O processo de montagem do espetáculo "O Nariz" se deu a partir de um desejo da companhia por montar textos clássicos de importantes dramaturgos mundiais, que complementam a educação e a relação com a cultura dos jovens do grupo e da plateia em geral.

Nikolai Gogol é um dos mais importantes escritores clássicos, sendo um dos precursores do realismo na literatura. Seus contos foram um marco do século XIX, ao tirar de reis, rainhas e palácios o protagonismo e colocar luz em funcionários públicos e no espaço urbano da capital russa. Sua forma de escrever influenciou gerações. Há, inclusive, estudos que investigam a similaridade de sua escrita com a do brasileiro Machado de Assis.

Buscamos, neste ensaio, analisar brevemente a similaridade entre as obras O Capote (1842) – do autor russo de origem ucraniana Nikolai Gogol – e O Espelho (1882) – do renomado escritor brasileiro Machado de Assis - explicitada através da teoria da alma humana contida neste conto machadiano e que pode também se aplicar à novela gogoliana, apresentando, assim, uma comparação sobre a questão do duplo em ambas as obras (VIAL e TOMAZZI, 2012, p.01).

Para ilustrar, seguem dois fragmentos dos referidos textos, em que os personagens principais de ambas as obras são analisados a partir da perda de sua segunda identidade, do seu ‘duplo’, na visão de Ana Paula Seixas Vial e Raiany Tomazzi:

Jacobina - O Espelho: “[...] o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam de alferes” (ASSIS, 1994).

Akaki - O Capote: “Ora via Petrovich e lhe encomendava um sobretudo munido de armadilha para ladrões que cercassem seu leito. [...] Ora se perguntava por que seu velho capote estava dependurado lá na parede se ele possuía um belo sobretudo inteiramente novo. [...] Perto do fim, Akaki Akakiévitch pôs-se a balbuciar palavras incoerentes, mas que não eram menos indicativas de que todos os seus pensamentos continuavam a girar confusamente em torno do capote” (GOGOL, 2008) (*Apud* VIAL e TOMAZZI, 2012, p.05).

Essa é uma característica comum dos dois escritores que aparece em "O Nariz", nosso conto em questão, em que o duplo de Kovaliov é mais que apenas uma cópia dele, é uma parte essencial do personagem: seu nariz.

Por seu caráter literário, o conto precisou ser transformado em texto dramatizado. Nesta adaptação, trouxemos personagens que dialogassem com o público mais jovem e com os próprios atores. Foi necessário recriar grande parte da estrutura, inserindo mais personagens femininas, já que nosso grupo é composto em sua maioria por mulheres, o oposto da época em que o conto foi escrito.

Nesta nova versão, optamos por dar mais ênfase aos aspectos sociais: incluímos três ciganas, que costumam a trama e enfatizam questões de hierarquia e desigualdade de classes. Tais aspectos já são explorados por Gogol, quando o texto demonstra, por exemplo, o medo do barbeiro Ivan, um simples prestador de serviço, ao perceber que está com o nariz de Kovaliov, um oficial de patente; ou quando ele foge do Guarda, alguém com cargo mais importante que o seu, enfatizando o sistema opressor de classes hierárquicas, que tanto podem se referir à Rússia do século XIX como ao Brasil do século XXI.

"O Nariz" abriu as portas ao realismo mágico, termo cunhado pelo crítico de arte Franz Roh¹ para descrever alguns pintores expressionistas dos primeiros 25 anos do século XX. O elemento irreal do conto é um sopro de vida, nesse pano de fundo altamente realista da Rússia do século XIX. Um conto que está entre realidade e imaginação, farsa e verdade, comédia e drama. Sua escrita toca os limites de uma transição da área do fantástico (imaginário) para uma espécie de literatura metafísica. No fantástico, existem várias ocorrências do duplo. Neste caso, o duplo se concretiza, pois a parte "bem-sucedida" do Major não lhe pertence, tem existência própria.

"O Nariz" aborda temas como burocracia, vaidade, ego, narcisismo, decadência de valores humanos. Através dele, Gogol nos convida a refletir se a aventura de seu herói é uma trama divina, que o atrai para seu comportamento e pensamento egoístas, ou se é uma espécie de piada tortuosa que o herói vive e nos convida a simpatizar com ele, que assim como nós, parece viver num mundo e sistema sem misericórdia, sem empatia e compreensão.

"Um galanteador funcionário público, que se auto-intitula Major Kovaliov, acorda em uma bela manhã sem o seu nariz." Esse trecho da sinopse da peça fala muito sobre o processo

¹ Historiador e crítico de arte, foi quem utilizou pela primeira vez, no ano de 1923, a noção de realismo mágico, ao descrever e analisar em um artigo a pintura expressionista da Alemanha. <<https://www.insolitoficcional.uerj.br/realismo-magico/>>

dessa montagem, em que, através da metáfora de um "Nariz", levantamos questionamentos sobre as máscaras sociais, aqui apresentadas pela teoria do sociólogo Erving Goffman, que nos faz a seguinte provocação:

“Você já parou para pensar como a vida social é encenada? Como as pessoas se comportam em diferentes situações e como elas tentam controlar a percepção dos outros sobre si mesmas?” [...] Goffman propõe que a vida social é como uma grande peça de teatro, em que as pessoas desempenham papéis diferentes e usam máscaras para controlar a percepção que os outros têm delas. Essas máscaras são formas de auto-representação que podem variar de acordo com o contexto social em que estamos inseridos (RABISCO ADM).

Fica a reflexão: somos uma sociedade de aparências? Kovaliov, nosso personagem principal, perde seu nariz e com ele a sua dignidade, sua virilidade, seu status social. Ele pouco se questiona como isso aconteceu, só se preocupa com o fato de que não poderá almejar um cargo de maior prestígio, nem conservar suas relações de interesse. Será que é possível viver fora das determinações sociais, desse subterfúgio que encontramos por detrás da máscara?

Partindo deste conceito, adentramos pela linguagem do mascaramento concreto, fazendo uso da máscara de nariz e explorando com os alunos os princípios dessa pedagogia para melhor entender o corpo mascarado. Afinando seus gestos, usando das próprias falas das personagens para enfatizar a partitura corporal, criando um código de gestos e posturas guiados a partir do nariz de cada um, transformando o corpo numa grande extensão da máscara.

Isso vai ao encontro da metodologia pedagógica que rege a nossa pesquisa na escola, o MUSA (Sistema Musical de Atuação@2008), desenvolvido por Sotiris Karamesinis, que tem nessa união do corpo psicofísico expandido, junto à música, sua principal característica.

Para esse processo, especificamente, trabalhamos muito a noção do coro, através de exercícios de coro-corifeu e do grande espelho com música, que se relacionam com a tragédia e comédia gregas, e podem ser utilizados tanto para improvisado como para o trabalho específico das cenas. Com esses jogos, acessamos e liberamos as emoções, as travas corporais dos alunos, possibilitando descobrir diferentes formas de se expressar e criar.

A música rege o nosso trabalho e, a partir dela, escolhemos uma encenação onde todos os atores ficam em cena o tempo todo. Quem não está atuando está executando a trilha sonora da peça ao vivo, partiturando as cenas.

O cenário foi pensado para dar versatilidade. Ele é composto, na sua maioria, por cubos de diferentes tamanhos que, manipulados pelos atores, ora servem de assento nas laterais do palco, ora são montados criando ambientes. Outros elementos, como uma coreografia de minueto que instaura um salão de baile, pessoas com lenços sobre a cabeça que criam uma igreja, aliados aos recursos de iluminação, possibilitam o desabrochar de um universo criativo.

Os figurinos foram pensados para ter uma estética de alta qualidade que também achamos importante cultivar neste ambiente escolar. Possuem uma versatilidade prática e criativa, em que adereços e pequenas trocas compõem um novo visual/personagem. Construindo assim, a nossa versão de "O Nariz", de Nikolai Gogol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRAZÃO Dilva. **Biografia de Nikolai Gogol**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/nikolai_gogol/ Acesso em: 21 de junho 2023.

KHALIL Marisa Martins Gama. **Realismo mágico**. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/realismo-magico/> Acesso em: 21 de junho 2023.

RABISCO ADM. **Desvendando as Máscaras Sociais: A Teoria de Erving Goffman**. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/as-contribuicoes-de-erving-goffman-para-a-analise-das-interacoes-sociais-cotidianas/#:~:text=Erving%20Goffman%20foi%20um%20sociólogo,como%20gestos%20e%20expressões%20faciais> Acesso em: 21 de junho 2023.

VIAL, Ana Paula Seixas e TOMAZZI Raiany. **Análise comparativa entre O Capote, de Nikolai Gogol, e O Espelho, de Machado de Assis - O duplo na trajetória das personagens**. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/2612/1049> Acesso: 21 de julho 2023